

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## Balanço dos Fantoches

O que foi a nossa obra — Os lucros dos moageiros — Os que não se confessam — O esmagamento do povo — Meus senhores, até ao ano!

Acaba, com este numero, a primeira parte deste panfleto no qual fui anotando, um pouco ao acaso, os acontecimentos dum ano. Agitei ideas, destrui falsas reputações, ataquei bandidos e, no fim, ficou na sociedade portuguesa apenas mais o echo duma voz de protesto porque os alvejados continuam, impavidamente, o seu caminho. Em todo o caso, não estou arrependido porque algumas das ideas aqui expostas tiveram sanção do proprio estado republicano e se não frutificaram foi por culpa dos seus executantes.

Já no tempo de Sidonio Paes eu aconselhara um inquerito dos lucros de guerra que o presidente ordenou e ao qual se respondeu fechando a Bolsa. O contra golpe que preparara para ela se abriu deante de forças populares não se realizou em virtude de ter falhado a segunda parte do programa que consistia numa singular parada de trabalhadores aos quaes se teriam concedido regalias sob todo o ponto de vista justas. Não lhas deram e os exploradores da guerra triunfaram. Foi a grande derrota do Libertador.

Tomado duma justissima colera contra todos os lucros ilicitos aconselhei a quem governou durante o ano que vae findar uma repressão severa dos lucros ilicitos. Aplaudiram-na. Fracassou o decreto porque, diante da preponderancia dos miseraveis exploradores, os juizes encarregados desse serviço desanimaram.

Honradamente, Vasco Borges, proclamou no parlamento a necessidade dessas investigações, foi apoiado, foi mesmo animado pelos jornais que não vivem dos especuladores, mas dentro em pouco estes ven-

ciam porque ha por toda a parte politicos acaixeirados dos que nos roubam com o ar de quem negocia. Fatalmente lhes chegará a hora da expiação.

Tambem arbitrei um inquerito aos lucros da Moagem.

Seria preciso vêr emquanto se tem defraudado este país em proveito das fortunas particulares. Nomearam-se peritos dos quaes, como daqueles viajantes que partiam a atravessar regiões ignoradas, jámais se ouviu falar. Sumiram-se nas masseiras profundas. As explorações ignobeis continuam e não desaparecerão senão quando um homem de honra e talhado para defender os interesses do povo estiver na direção dos negocios da Agricultura, disposto a esmagar interesses ilegítimos, pronto a ir até á mobilisação das fabricas desde que se apure que pertencem ao povo explorado. Caíram, pois, na masseira os inquiridores falhando mais esse meu alvitre, lançado sem rancor, baseado no programa que traçei sem me importar se firo interesses de amigos, se de correligionarios, se de inimigos.

A Moagem e os seus representantes teem que sofrer o inquerito e devolver ao país o que lhe tomou, embora seja necessario o sequestro dos bens dos dirigentes dessa previligida industria.

Sentem tanto a certeza dos ataques que de todos os lados lhes aparecem, tendo partido daqui o golpe persistente, que já um jornal, *A Capital*, com o ar de apresentar os lucros de varias companhias vae mostrando quanto teem sido insignificantes os da moagem, unico fim do artigo em que esse jornal, que se diz do povo e para o povo, ataca os seus interesses. Está logo no começo do rol a Companhia Industrial de Portugal e Colonias que apenas teve de lucros 13 %; segue-se-lhe a Aliança com um beneficio de 12 %. Quem preparou esse artigo, se não é um anuncio, nem sequer viu como o iniciou; não escondeu o proposito de defender desses arbitros da sociedade portuguesa. E' falso que sejam apenas aqueles os seus lucros. As fabricas magnificas, ultimamente inauguradas, são o produto do que não se confessa em semelhantes dividendos. E' então com 12 % e 13 % que se erguem estes magnificos palacios de Cintra, do Estoril e de Cascaes onde moram os dirigentes da Moagem, é com os minguados resultados duma industria que gira com milhares de contos que os automoveis de luxo conduzem os pobretanas de hontem? De cousa alguma lhes valerá essa explanação no momento em que se apurarem as contas. Restituição é o que se deseja, é o que se torna preciso exactamente como sucedeu na Argentina aos monopolistas do salitre. Sei muito bem que teem as suas fortunas no estrangeiro, desequilibrando assim a vida nacional e gerando mais a nossa miseria, mas em Portugal *pertencem-lhes* cousas que responderão pelo bom resultado do passo a tentar.

Segue-se, no artigo da *Capital*, a Mogem Lisbonense com 15 %, a Aveirense com 17 %, dizendo que a de Abrantes até perde. Moageiros que perdem no exercicio do mister, devem ganhar brutalmente por outro lado. O que se pretendeu, porem, foi demonstrar a exiguidade das percentagens dos senhores da moagem em comparação com outros como se os acreditassemos. Afirma-se que as Companhias productores de cerveja Jansen e Portugalia recolheram 41 % e 32 %; que as Lesirias — imagine-se! — obtiveram 100 %; a Agricola Colonial 62 %, a do Principe 47 %, a Angra Taldo, 49 %, a Colonial Portugueza 51 %, a Vinicola 25 % e a de Vinhos e Azeites 11 %.

Quere dizer: Houve quem confessasse, honradamente, o seu lucro e

quem o empregasse em novas fabricas que representam mais riqueza e roesse o resto subrepticamente, sem o trazer a publico, no receio da explosão. Quem comprou os palacios onde os moageiros moram? Os 12 % e os 13 % dos seus limitados lucros Quem dispendeu o dinheiro suficiente para adquirir e subsidiar jornaes, empregados, fabricantes de leis, e até revolucionarios para atormentarem os governos que não lhes convem? Decerto não foram essas moagens, rivaes a fingir, que, coitadissimas! — só cobram um tão exiguo rendimento.

Após a minha campanha, nomeados os inquiridores, acalmada a efervescencia, eles caíram nas masseiras — nos grandes depositos da massa — e os ministros fizeram o jogo mais claramente protector dos interesses moageiros de que ha memcria em Portugal. O arbitro da nossa vida é a moagem. As fortunas colossaes que desfrutam os seus dirigentes, pobres ou remediados de ontem, não lhes pertencem e é preciso arrancar-lhas para que maneando dinheiro em prol da sua defeza não lancem o paiz em novas perturbações.

Uma das cousas que no tempo de João Franco tinha merecido as atenções maximas do dictador fôra a criação duma Caixa de Pensões e Reformas para os Trabalhadores, eu acrescentava-lhe a obrigatoriedade de ensino literario e profissional para os rapazes das 12 até 18 anos pertencentes aos diversos misteres e que frequentariam as aulas nocturnas.

Deste projecto nunca se fez o menor caso. E' que os dirigentes republicanos preferem a inconsciencia dos trabalhadores e são tão inimigos das prosperiedades do país que até fazem de homens de officio amanuenses, roubando os braços ao trabalho e criando despezas para o sustento desses inuteis nas repartições. Clamei pelo reenvio dos tipografos, sapateiros, alfaiates, marceneiros, pedreiros, canteiros fabricantes para os seus antigos misteres. Isso tentou-o ultimamente Cunha Leal, num largo projecto que beneficiaria a nação e não lançaria para a fome aqueles funcionarios, pois carece-se imenso dos trabalhadores que o Estado roubou á economia da nação.

Varios outros pontos esplanados neste panfleto foram tocados por politicos sem que jamais tivessem uma palavra para este modesto trabalho e encontro-me, após um ano de labor, numa plataforma singular: os radicaes, os sindicalistas, os presidencialistas, os monarquicos pensam como eu em materia economica, á excepção de alguns destes ultimos partidarios presos a velhas formulas; o proprio grupo da *Seara Nova* tem certos pontos de contacto com o aqui exposto. Mas divergimos na questão politica que, no fim de tudo, é base para as reformas.

Não aceitam a formula dum dictador os radicaes nem os sindicalistas e como esperam do parlamentarismo e da republica — isso que para ahi está — a salvação, não nos entendemos no resto.

E aqui está como homens cujas ligações, no sentido do combate ás plutocracias podiam ser vantajosas e até salvadoras, estão separados pelas razões que apontei. Mas o ditador virá se não se modificarem as ganancias. Não sei se arrastará uma espada, se empunhará um cmartelo, mas aparecerá no momento dado em que se sinta o ruir mais violento desta sociedade que se suicida.

Foi de miserias e de dôres para quasi todos, o ano que decorreu e eu na minha ultima folha deste balanço só devo inscrever — com os agradecimentos aos fieis que não me desampararam — a promessa energica de não os abandonar tambem.

# Um oportuno paralelo historico

**Nacionalistas e cartistas — Uma semelhança de scisões — Os manifestos dos dois Cabraes — As revoltas e a fazenda publica — O exercito e a salvação**

A scisão dos nacionalistas, indo uns para a Rua do Mundo e ficando os outros no Calhariz, não é, como se pode julgar, um facto novo na historia. Ha quem remontando a grandes luctas, evoque os papas de Roma e de Avinhão. Não é necessario ir tão longe procurar os factos semelhantes, porque os temos em Portugal, em pleno constitucionalismo e duma tão flagrante maneira que vai deixar surpreendidos os leitores.

Antonio Bernardo da Costa Cabral, conde de Tomar, zangara-se com o irmão, José Bernardo da Silva Cabral, com quem comungara nos cre-dos e nos interesses. Os Cabraes, toda a familia, não se davam bem, por causa das partilhas dos lucros. Beirões ousados e rijos, não diferenciavam o que pertencia á fazenda e a eles. Até para a fundação dos seus jornais tinham mandado buscar o tipo á Imprensa Nacional. Não é, porém, nisto que se assemelham aos fraccionados do nacionalismo, pois, embora se fale muito em certo negocio de arroz em Hespanha e noutro de assucar, em Africa, isso não é mais do que um prato de arroz doce, ao qual nem falta o travo do limão de genio azedo camachiano.

Os dois Cabraes eram cartistas, e quando se arrenegaram, deliberaram ficar cada um deles com a facção. O cartismo, tornando-se, na realidade, num partido, dividiu-se. O marquez de Tomar com Saldanha, Fronteira e Terceira, dirigiam-se aos correligionarios da capital e da provincia num manifesto empolado, que terminava assim:

«A mentira é a arma dos nossos adversarios: a verdade deve ser a nossa. Mas é preciso que a verdade, toda a verdade, seja dita e proclamada ao povo; é preciso que essas intrigas e manejos ocultos sejam por nós desmascaradas e destruidas. Para o conseguir o Centro Director precisa da cooperação de todos os bons cidadãos, de todos, sem excepção.

«A organização do Centro Director e as suas relações directas com os centros ou delegações das provincias vão ser imediatamente restabelecidas. De tudo se dará conhecimento a v. ex.<sup>a</sup>, mas não queremos demorar um momento esta comunicação. Esperamos que v. ex.<sup>a</sup> se dignará responder, pelo presente correio, dirigindo a sua resposta ao *Conde de Tomar, na calçada da Estrela, 16, Lisboa.*»

Era na calçada da Estrela o baluarte, a verdadeira igreja, onde os cartistas deviam ir prostrar-se na sua fé; os que assim não fizessem seriam tratados de relapsos, traidores á grande massa do Cartismo, com seus patriarcas, bispos e acolitos. Só o conde de Tomar poderia falar em nome do partido e nas suas salas é que jorrava a verdade, nos seus armarios é que se guardavam os pendões, nos seus cofres é que estavam os papiros, nas suas mãos é que se deviam depôr as consciencias. O Cartismo residia ali á Estrela, n.º 16. Quem não o entendesse assim, seria tratado de renegado, de transfuga, de infiel.

Não o comprehendia deste modo o irmão do conde e disse-o tambem num manifesto:

«Como presidente do centro eleitoral cartista do reino e ilhas, confirmado pelos sufragios do verdadeiro partido nacional—até se assemelhavam os titulos dos que precederam ha anos como os que se zangaram ha dias—cumpre-me fazer estas declarações.»

Empolava tambem as declarações, resoavam no papel da imprensa—este é que era da Nacional—os tropos excomungantes e a galeria assistia arrebatada á lucta dos dois irmãos, disputando a chefia dum partido.

«O centro eleitoral cartista do reino e ilhas—dizia-se no manifesto—não mudou nem mudará de principios politicos. Não sujeita a sua acção á contingencia de opiniões individuais; e sejam quais forem as defeções particulares, continua a subsistir, porque não representa conveniencia dos homens; significa o interesse dum partido.

«O centro colonial cartista do reino e ilhas continua, pois, a existir, como sempre existiu, pela mesma fórma e para os mesmos fins.»

Assinava esta nota o José Bernardo. A séde, toda a gente filiada a conhecia. Era no Poço Novo, lá em baixo, ao fim dos Paulistas, que fica muito proximo do Calhariz, onde agora se deu a scisão.

Isto era assim. A situação assemelhava-se á actual, como duas gotas de agua. O cabralismo não morreu e senão veja-se como se parece a linguagem falada por Saldanha, presidente do conselho de então, com a que diariamente os periodicos inserem:

«O governo tem a certeza—e não ha quem o não saiba—que todos os dias e constantemente na capital se conspira; sabemos os logares onde se conspira, sabemos quem são os individuos que conspiram, sabemos perfeitamente tudo, etc.»

Naquele tempo, os conspiradores rotulavam-se de comunistas, e como havia entendimentos com a Hespanha, taxavam-nos de *iberos-comunistas*. Só parte do rotulo mudou, mas a situação apresenta-se identica até nos processos de endireitar as finanças abaladas.

Foi nessa epoca que surgiu Fontes clamando no parlamento pela vida nova:

— «Se o governo entende que não é possível organizar a fazenda publica senão cortando aos empregados e aumentando os tributos, então, sr. presidente, parece-me que nunca se ha de resolver a questão da fazenda. Eu estou convencido que s. ex.<sup>a</sup> o ministro da fazenda sabe que ha fontes de riqueza nacional muitissimo importantes e donde se podem tirar muitos recursos; e logo, a quem vem dizer-se, que estamos á borda do abismo? Não estamos á borda dum abismo e só diz que estamos á borda dum abismo senão quem não sabe dirigir as cousas, só o diz quem não sabe do país metade; ha muitas riquezas nacionais que se podem desenvolver e fazer prosperar e eu não posso admitir que qualquer ministro da fazenda diga que estamos á borda do abismo. Não estamos, sr. presidente, ha a salvação para tudo.»

E havia. Ele foi procurar essas riquezas e o fomento que partiu dessa iniciativa, serviu o país até hoje. Apareceu a vida nova e os homens novos, após o esmagamento dos Cabraes, num grande fragor de revolta, em que o exercito interveiu, para gerar a ordem, da qual saíu a prosperidade e a paz que Portugal gosou durante trez reinados.

Não são semelhantes aquelas paginas da historia? Falta acrescentar-lhes as ultimas.

# O Penitenciario benemerito da Patria

Os condenados do 19 de outubro — A vida actual dos penitenciaros — Como se concedem galardões — As victimas igualadas aos criminosos — Miséria das misérias

O brinde que a politica deu a um condenado foi nomea-lo benemerito do Patria. O homem em questão chama-se Heitor Gilman, foi sargento da guarda republicana e a sangue frio matou um seu superior, que soube acabar magnificamente de cigarro na bôca á espera das balas do pelotão que o executou na calada dessa torva noite de crime. O coronel Botelho de Vasconcelos — um velho — tombou e o sargento, o condenado de hoje, exalçado até ás consagrações dadas aos herois, espreitou a agonia nesse rosto de soldado encanecido e bradou: «Deixem-me fazer o gosto ao dedo». De seguida, disparou a sua pistola sobre o assassinado.

Bandido duma perversão moral nascida das leituras excitadas dos jornais politicos do regimen, educação subalternamente feita nos comicios, este bastardo duma familia burguesa, fruto da caserna e da colera contra a sociedade, assassinou tambem o comandante Freitas da Silva.

Recebeu no tribunal, aos urros, a sentença que foi pequena para tão miseraveis feitos: 12 anos de prisão maior celular, seguidos de 20 de degredo, na alternativa de 31.

A prisão celular hoje é uma banalidade. Os presos monarchicos da primeira incursão ainda sofreram os tormentos do capuz e do isolamento. Estes, agora, melhor estão nas penitenciaras do que no Limoeiro. Em Africa escapulem-se e fazem fortuna como o 115, em cujo contacto viveu o governador Djalme de Azevedo, seu intimo e seu comensal. A penitenciararia de Coimbra está ali á mercê do primeiro assalto de revolucionarios, e Gilman, «Dente de Ouro» e o resto dos tripulantes dessa *camionette* de ignominia, poderão seguir o destino esplendido do assassino de Sidonio Pais.

Em França não se albergam nas penitenciaras semelhantes criminosos; não é tambem para logar onde possam fugir que os enviam. Aqui, num incitamento ao crime, nomeiam-se os assassinos benemeritos da patria.

Esse Gilman, após o seu crime horrivel, ainda se julgava um benemerito e parece que tem razão porque os poderes publicos como tal o consideram em documentos officiais que arruinam a reputação do país no

estrangeiro. A Alemanha, republicana, acabou de expulsar um dos assassinos do czar. Em Portugal deixa-se á solta quem matou um presidente e considera-se acto de tal maneira valoroso o fusilamento cobarde de dois officiaes, que se condecora, com a mais alta qualidade que se pode conferir a um cidadão, o miseravel que comandou esses crimes.

Ele bem o dizia no tribunal:

—«Foi a republica que me condecorou e premiou por me ter revoltado. E' ella agora que me condena pelo mesmo motivo».

Diante desta frase que encerra um comentario politico da mais alta significação, é necessario encarar esse Gilman de maneira diferente da que fica exposta e lançar a responsabilidade do seu crime sobre quem primeiro o premiou e sobretudo sobre quem, agora, o nomeou benemerito da patria.

Que patria é esta que tem semelhantes benemeritos, que cidadãos existem nela que não se revoltam, pedindo o esclarecimento dessa assinatura num despacho que coloca no primeiro plano nacional um assaltante e um ser de ciladas e de aventuras macabras?

Benemeritos da patria, eram considerados tambem dois dos que foram assassinados nessa noite de horrores: Machado Santos e Carlos da Maia.

Estes tinham-se batido, e por sua coragem implantaram um regimen que, no fim de alguns anos, deviam considerar como a sua peor obra, capitulando-a de vergonha das vergonhas. Mas, emfim, sem elles, esse regimen não existiria e como um escarneo enorme lançado sobre estes mutilados que eram herois, equipara-se-lhes, na designação um dos assassinos.

Miseria das miserias, infamia das infamias, regimen terrivelmente imoral. Sim, duma imoralidade revoltante pois que saúda os mortos com o mesmo gesto que destina aos assassinos.

E, na Penitenciaria, o matador, benemerito da patria, só espera a occasião para merecer novos titulos e praticar novos feitos.

# A conferencia de Cunha Leal

**Uma figura amiga—A mocidade dum estadista  
—Da gloriola à reflexão — Os beijos e as balas  
da rua — O baluarte duma nação agitada**

O grande acontecimento de que Lisboa falou, dias a fio, foi a conferencia de Cunha Leal, na Sociedade de Geografia, em cujas salas o publico se amontoou tanto como na rua, a ponto do proprio orador quasi não poder entrar.

Essa conferencia é na vida curta mas agitada deste homem como o fechar duma illusão.

Francisco Pinto da Cunha Leal, o estudante de engenharia mais distinto do seu curso, é um beirão rijo e de boa tempera que alia a intelligencia à audacia. Nascido de lavradores remedeados, teve na linha direita e honrada de seu velho e intransigente pai um exemplo que o tornou diferente da maioria dos rapazes que nas escolas, embora talentosos, perdem o brio e mergulham na subserviencia.

Republicano sem alardes, o aspirante da Escola de Guerra, moreno, de olhos esbrazeados, a testa curta meia tapada pelo cabelo negro, aproximou-se de Machado Santos. Junto dele ficou, dedicadamente, podendo ingressar nos partidos ao terminar o curso, e num rompante, bem seu, tomando o pseudonimo de Francisco Moreno, durante largo tempo, criticou em écos, de certo sabor literario, a fauna jacobina que barrava o caminho ao fundador do regimen. Demo-nos sempre bem; uma simpatia de character para character nos ligou, espiritalismos literarios nos prenderam e eu no meu campo, sem obter da politica mais do que desgostos, ele subindo, na gloriola facil da populaça até ao triunfo, encontramos de mãos estendidas mesmo após o rumor das armas que empunhamos em trincheiras contrarias, quando da revolução de Santarem.

Após Monsanto, Cunha Leal tornou-se um idolo e um rancho de amigos ligou-se à sua sorte. Era ele quem diante das ondas tumultuosas encontrava as expressões felizes, as palavras faceis, as frases de efeito vindas em borbotões de seus labios, enxisadas no sotaque beirão, lembrando um João Franco, moço e revolucionario arrastando as turbas. Não podia aparecer num teatro que não vitoriassem esse antigo sidonista, eleito pela primeira vez deputado durante o consulado do Libertador, vendo nele a figura que se batera contra as possibilidades de ditaduras militares nas quais entrevia um programa reacionario.

Ganhara um aspeto diferente. O rapazote magro que arruaçava as

suas *boutades* no *Intransigente* fizera-se um homem forte, espaduado, a tez mais abaçanada, a mascara sem mobilidade, dum pastoso que se vê em certos rostos romanos do periodo republicano aos quais decerto só eram animados pelos olhos ardentes de combativos.

Esse tumultuoso fascinador da ruá guardara, todavia, as suas grandes e simpaticas qualidades. Não exteriorisava as amizades em delicadezas marcava-as em factos, tambem não as ia procurar entre os seus conselheiros, embora com eles tivesse mais convivencia do que com outros mais capazes de o compreenderem. Idolo do povo recebeu os seus tributos, as suas homenagens, as suas palmas. A republica era a deusa que o casava com a gloria e as suas bodas foram largas no meio das alegrias da populaça. Era o verbo poderoso a subir em sonhos formidaveis, canhoneando os reacionarios, ferindo as plutocracias, arvorando o lema da Constituição sagrada, acreditando piamente na regeneração da patria, na sombra das leis que se torciam diariamente sem que, na sua cegueira do muito amor, reparasse na marcha do seu sonho.

Não governara ainda; o trampolim que o levantaria da rua ás cadeiras do poder, ia-lhe custando a vida e um traço soberbo marca o seu desprezo por tudo quanto não fosse cumprir o que se impuzera como um dever. O país fremeu ante esse rapaz pretendendo salvar o inimigo da vespera que fôra procurar o acolho das suas telhas, o amparo no seu lar, velho republicano vencido pelos furiosos da demagogia. Cunha Leal ia sendo morto porque quis salvar Antonio Granjo. Ainda mal tinham fechado as cicatrizes das balas que o marcaram levavam-no ao poder, no meio das simpatias do país e de toda a tragedia restava um colarinho manchado de sangue que ele entregara à esposa dizendo-lhe que o guardasse como um penhor do seu afastamento da politica. Mas chamavam-no; achou uma cobardia não aparecer. Galgou ao mando e quando saudavam o velho pai, lavrador beirão e atilado, pela honraria do filho, o aldeão só soube dizer: Não é mais honrado por isso, o meu Francisco!

\*

\* \*

Os tempos decorreram; os revolucionarios começaram a detestar, pouco a pouco, esse homem que se antepuzera ás suas balas e ele, enfronhado no poder, mexendo, inteligentemente, nessa maquina que lhe entregavam, não passando por ali pela vaidade nem pelos proventos, começou a sentir como os corrilhos políticos tinham invadido tudo, como uma vaga de lama se fôra amontoando igual á de certos riachos que a vasa toma, esmorece e estagna.

O corifeu popular passou para um partido conservador, o homem que em radicalismos largos achara possivel ir buscar o que o Estado carecia quasi à força, amensara-se, transformara-se e uma subconsciencia foi operando nele de tal maneira que compreendeu serem nada as manifestações da rua comparadas com a satisfação de ter contribuido para uma grande obra.

Esse pertinaz, esse teimoso, esse homem de acção e de estudo desembriagou-se das lufadas da popularidade quando deixou de sentir os alcoolicos halitos dos comicios, e no seu cerebro passou a reflexão que em pouco se consubstancia, que ele nunca exteriorisou, mas no fim é a sua sinthese:

os peores inimigos da republica são os que a pretendem sorver sem terem que lhe dar.

E é assim. Os maus republicanos são os que procuram os lugares do Estado, sem competencia e sem valores proprios; são os que, à falta de talentos, arvoram o jacobinismo do club, os pergaminhos de revolucionarios civis, como cartas de cursos da Brasileira, são os que só sabem calar os adversarios, matando-os em nome da sua ganancia. De tudo isto se compõem as massas dos defensores do regimen, uma grande parte das populações do funcionalismo, um grosso lote de rebeldes. Baseando-se no certificado de republicanismo, e no maior impudor, se teem alçado imensos imbecis sem escrupulos.

Cunha Leal viu tudo isso, manuseou-os, profundou-os e pelo seu contacto, pelos seus proprios idolatrismos e renegamentos subitos, diante dos rostos dos glorificadoras e dos lapidarios — sempre os mesmos — êle, que é um republicano de intellecto, sentiu, na sua frente, um bando de filisteus, ávidos de comida, embora para a obter tenham que assassinar.

Naturalmente, ao olhar-se no seu espelho, o antigo caudilho via as cicatrises das balas dos que os tinham levantado nos braços, quando o julgavam a uivar com os lobos.

Odiado profundamente, — o antigo santificado da rua — sabendo muito bem o que lhe poderia acontecer, recordando-se da pagina negra da historia, ainda tão recente, não hesitou, todavia, em ir, diante de milhares de pessoas, confessar o que desabrochara na sua alma.

Mas não se penitenciou, não repudiou o passado, apenas declarou ser impossivel governar em Portugal pelos processos que tanto agradavam à turba, quando enlevada em seus dizeres, o enaltecia. Do revolucionario desencantou-se o estadista; uma grande claridade o iluminara e esse inimigo da força armada, dominadora, intervencionista fechou o seu ciclo de politico a clamar por aquilo que, outrora, de armas na mão combatera: pelo exercito salvando a nação.

Não surge como um trãnsfuga, não vem como um vencido, não desce a falar dos seus erros, apenas à semilhança dum pagão, tocado pela graça, que vê doutra maneira. E é simples. As ilusões dum agitador caem diante das realidades. Eu não sei se Cunha Leal está na sã doutrina, se encaminharão bem o país aqueles que lhe adoptarem as modernas idéas que expõe numa eloquência arrebatadora de convicto e num arranco de homem insensível ao medo; sei apenas que não se póde deixar de sentir que bem honrado é todo o cidadão que prefere ao comodismo das situações faceis, sem perigos e sem sobressaltos, o brado bem alto, a exposição da fé e da razão, do que penetrou em seu espirito como uma verdade que não se pode conter, que é necessario exteriorisar.

O orador que o publico escolhido da Sociedade de Geografia vitoriou, tanto como outrora a turba dos Coliseus e teatros, é o mesmo homem de crença republicana, incapaz duma transigencia com os monarchicos — eu sei-o bem — mas que desviou de si as velhas ilusões, desde que de demolidor passou a estadista. O que se viu nessa sala foi o borboletear duma viva e caída esperança, voejando duma crisalida fenecida.

## Indice

N.º 1 — O senhor Roberto volta á Feira — Os dois barretes vermelhos — Confissões duma côdea de pão — Os fumos dos lucros de guerra — Aquela mulher perdida...

N.º 2 — A revolução de amanhã — Cautela! Mikado! Cautela! — Os piratas do «Lima» — O ultimo janota lisboeta.

N.º 3 — Os «Dente de Ouro» — As «cionémicas» — Os que lançam bombas e os que a bomba lança — Na conca do Frigio — Os cúmplices do esquartejador.

N.º 4 — Se Gualdino tivesse morrido... — Senhora Dona Bolchevista — As razões dos assassinios da noite tragica — A carabina do Buiça no aniversario da sua entrada na historia — Conversa com um macaco sobre o «macaco» das finanças e a herança.

N.º 5 — Conversa de D. Carlos com a Republica no Panteon — O ministro da Agricultura e o roubo do livro — Dois «sportmen» e a gatu-nice — As estrategias dum lente da Escola de Guerra — Historia de dois republicanos ou dois republicanos historicos.

N.º 6 — O Entrudo Desmascarado — O ministro da Agricultura engu-liu a joia rara? — Como bandidos podem gerar a liberdade — Os novos ricos no Tavares rico — A Besbilhotice lisboeta — A «Monumental» folia ou a «Monumental» roleta.

N.º 7 — Carta sem estampilha para o chefe do governo — As da cocaína e dos generos alimenticios — A Eva republicana e o Adão pro-letario — Como o «Dente de Ouro» acusa um juiz — Uma partida nacio-nal a um partido nacionalista.

N.º 8 — Ha por aí quem queira ser presidente da Republica? — O jogo, o governador civil e o Diabo — A Republica tem benemeritos titu-lares? — O baile do terceiro sexo — O solitario da Rua da Assunção, 67, 4.º andar, direito.

N.º 9 — Os despojos do Infante D. Afonso — O encarcerado Antonio Maria da Praça — Quem é o chefe revolucionario de amanhã? — D. Miguel de Bragança, agente de seguros — Os dois grandes exploradores dos batoteiros.

N.º 10 — A viuva do fusilado (D. Berta Maia) — A Monarquia e os receios do sr. Mayer Garção — O archote da Carestia — Coisas do outro mundo apreciadas neste.

N.º 11 — As ideias da moagem sobre a eleição municipal de ama-nhã — Excavações no cérebro do ministro da guerra — O Arlequim do Panteon — Resposta de Roberto ao «Apelo à Nação» — A literatura na esquadra de policia.

N.º 12 — As alimarias da Rotativa — O general do seu impedido —

Carta a Vasco Borges, o Sindico, ou quem as suas vezes fizer—Do «Manga de Alpaca» ao manga de bomba—Opiniões de varios e illustres membros do regimen ácerca de Basilio Teles.

N.º 13—Teixeira Gomes and C.º, presidente da republica?—Os mutilados de guerra e os seus mutiladores—Como o Senhor dos Passos da Graça viu Lisboa na Semana Santa—Os homens que comem cães e os cães que comem homens.

N.º 14—Militares, sentido!—O Eden dos lucros ilicitos—O ultimo incarnamento do Mau Ladrão—Delagôa-bay ou Delagôa vai-se?

N.º 15—Carta á Confederação Patronal—A Gazúa e o Zero—A «Archotada e o Protocolo—A grande voz de dois minutos de silencio.

N.º 16—Duas revelações terriveis—Os ladrões dos cemiterios—O «Extremadura» tem seus misterios?—O escaravelho—A penetração estrangeira em Portugal—O miôlo dos meus bonecos (O ministro).

N.º 17—As novas proezas de Rocambole da Silva—O duelo e os seus apóstolos—A maior «blague» do «Mundo»—O Meco Vermelho—O miôlo dos meus bonecos (Os cidadãos).

N.º 18—Os Cadavais e o Passo do Rocio—O Congresso Democratico julgado por si proprio—D. Cesar ou as ambições de um demagogo—Como o senhor Doutor Bernardino Machado acusa os correlegionarios—O governo e o papel ou papel do governo—O miôlo dos meus bonecos (O embaixador).

N.º 19—Explicações aos meus eleitores—A Republica, hóspeda dos cofres fortes—O meu mercieiro «Elicito»—O miôlo dos meus bonecos (A supersticiosa).

N.º 20—«Elicito», absolvido—Angela e a roda da fortuna—A Estrada dos Espectros—A masseira—O miôlo dos meus bonecos (O livre pensador).

N.º 21—O insultador de Sidonio Paes—A Companhia dos Quarenta—Praga, capital da Bohemia—O caso do tenente Azevedo—Um gentilhomen de letras—A Plutocracia e seus galões.

N.º 22—Povo: Portugal já tem trigo para o seu pão!—As confissões do senhor José Relvas—Os crimes do cemiterio e do parlamento—A mudavel voz do Catanho—S. Tomé, o condenado—O miôlo dos meus bonecos (O illustre causidico).

N.º 23—O rugido do «Dente de Ouro»—O «Apoderado» do Grão Duque—O ideal Presidente da Republica—O almirante e a casa dos inuteis—A «Seara» alheia.

N.º 24—A Morte do autor do «Bacalhôa»—O Atlas do Vigario—Carta para o senhor conselheiro Bernardino—O Salustianismo—De baixo para cima ou de pernas para o ar?

N.º 25—O «Agachado»—O emprestimo e seus resultados—Os excessos da duqueza—O presidente do partido democratico—Os culpados da morte de Granjo!

N.º 26—As homenagens do Estado a um desconhecido—O «cão de fila» da Ajuda—O caso dos editores de Camilo—Uma sessão nos Passos Perdidos—As bombas de Manuel Ramos e os tiros 19 de Outubro.—Outra proeza de Rocambole da Silva.

N.º 27—Junqueiro e a sua apoteose—Em volta dumas veneras—Palestra com o senhor Antonio Maria—Em volta duma sentença.

N.º 28—Junqueiro, o abandonado—A mãe das bombas—Um diplo-

mata português e as balburdias de Bucarest — Miserias do Panteon — Os jettões e os jettatores.

N.º 29 — Carta para Sidonio, residente nos Jeronimos — O senador preso e o policia critico — A bacanal dos percevejos — As onze rainhas do Terreiro do Paço — Os juizes do «Mar Alto».

N.º 30 — A felicidade ante a mentira social — O senhor general da Silva — As ferias do diabo — Maximas fortes para juizes fracos.

N.º 31 — Aviso ao Presidente eleito — As gorgêtas de Suas Ex.<sup>as</sup> — Aparição de três fantasmas — O sargento Abilio — O homem que se quer vender.

N.º 32 — A máscara do aventureiro — O senhor Silva das Senhoras Bombas — Autobiografia do senhor Teixeira Gomes — A fantochada do duelo.

N.º 33 — Fradique de Ferragudo — Os nababos da moagem — Porque não o reconheço — Os macacos dos ditadores.

N.º 34 — O avô de Waterloo — O pão dos Quarenta — Autopsia ás ideias dum orgão catolico.

N.º 35 — Um drama camiliano em Vilela Seca — Na Sociedade do Canil — A fuga dos «camaradas» — O libelo da Moagem.

N.º 36 — Belem, do Palacio maldito — A origem da Legião Vermelha — O pão dos eunucos — O sr. Afonso Costa á margem de Lisboa — Da grandeza à decadencia bernardinica.

N.º 37 — Ao que se chama o exercito da Republica — Lord Beresford Gomes — O chorrilho dos «Azes» — Resposta ao amigo da Moagem — O terror em Leiria — O largo braço do assassino de Sidonio.

N.º 38 — Cartas aos generais portugueses acerca dos seus camaradas espanhois. — As balas do funcionario — A vida politica dos dois Costas — Causas a fixar sobre a explosão no Porto — A comenda de Cristo e os ciganos.

N.º 39 — Resposta dos sargentos á carta aos generais — O carroceiro Marat e os agressores — Como se engendra um «sans culotte» — As «donzelas» da marinha inglesa e os seus olhos de «ingenua» — De rastos para o Poder.

N.º 40 — O prólogo — Um mau brinde do senhor Mayer Garção á Republica — O rajah — O parlamento e a sua materia prima no ano XIII da Republica Portuguesa.

N.º 41 — Carta á sombra de Machado Santos — O frontão do Quadrienio — A greve da Fome — Comentarios dos comentarios — O Parlamento e a sua materia prima no ano XIII da Republica Portuguesa.

N.º 42 — Primeira Carta de Portugal ao seu compadre John Bull squire — Sêlo branco é... — As ferias do assassino de Sidonio — O exercito e os «altissimos serviços á Republica» — O Senhor Benito, pedreiro — Os nossos senhores adesivos.

N.º 43 — O ciclo das ditaduras — O pão negro dos cães — O barrete frigio do Senhor Arcebispo — A morte de «Pad-Zé».

N.º 44 — Ideias da União Lusitana — Receita para a abundancia de funcionarios — Carta ao John Bull, de estrada — O telefone do Passo de Belem para os suburbios — Do caderno de um mendigo.

N.º 45 — O ministerio dos «Finados» — A «trucagem» da Democracia — O segundo capitulo dum movimento de espadas — O poder da Companhia do Gaz?! — Os radicais e o seu manifesto — As velhas canções populares.

N.º 46 — O presidente da Republica, dinamitista? — No apagar da legenda afonsista — A fortuna do «Pernas de Sabão» — Os Balkans do Calhariz — As verdades dum carta aberta — As razões dum desfalque — Notas da crise do dia de S. Martinho.

N.º 47 — As revoluções necessarias — A morte do sargento Rufino — Requerimento de Roberto, fantoche, aos seus amigos do ministerio — O novo regresso do sr. Afonso Costa — O comando da policia e . . . o medo — O ultimo carro de Apolo.

N.º 48 — Um acto forte do ministro das Finanças — S. Julião, a das amaveis paredes — O professor Ginstal e «mestre» José Julio da Costa — Os acomodados — Bilhete para o ministro da Agricultura — O Azevedo Coutinho que semeou, o Azevedo Coutinho que colhe.

N.º 49 — A baixa da natalidade e os medicos — Os . . . dos bilhetes do tesouro — O mal da ingenuidade duma dominicana — Policia e jornalistas — Quem dá mais pelos bairros sociais?

N.º 50 — Os exploradores das leis — Os «Homens livres» — O Patriarca dos anarquistas — Os mutilados de guerra e os das revoltas — As revoluções necessarias.

N.º 51 — Carta aos revolucionarios — Perigo de morte — O exercito e a politica — Os foguetes da republica — O macaco, mestre de politicos.

N.º 52 — Balanço dos «Fantoche» — Um oportuno paralelo historico — O penitenciario, benemerito da Patria — A conferencia de Cunha Leal — Indice.

# A 2.<sup>a</sup> Serie dos "FANTOCHES"

A começar em 5 de Janeiro

É quando completa um ano este panfleto, que tanto tem agradado, e apresentar-se-hão algumas modificações interessantes. Além da critica aos

## Factos da Semana

publicará nalguns numeros

Revelações sensacionais sobre varios acontecimentos do nosso tempo

como por exemplo:

OS BASTIDORES DE 14 DE MAIO—MACHADO SANTOS, INTIMO —PORQUE FOI MORTO ANTONIO GRANJO?—O ASSASSINO DE JOÃO DE FREITAS—O HOMEM QUE A RAINHA FIXOU NO DIA DO REGICIDIO—CONSPIRADORES MONARQUICOS DIRIGENTES DA REPUBLICA—OS DOS NEGOCIOS ESCUROS—COMO SE ASSALTOU O MUSEU DA REVOLUÇÃO—OS HEROIS DA RUA—COMO SE GUARDOU O CADAVER DE SIDONIO, o que constitui trechos de *Memorias Historicas, Reminiscencias de Conversas, NOTAS SOBRE ALGUMAS SINGULARES PERSONAGENS, ETC.*

Não perderá esta publicação a sua caracteristica, não falhará ao fim para que foi criada, constituirá um album ousado de critica contundente, amarga, aos acontecimentos, com algumas cousas curiosas a revelar ao leitor aquilo, as quais nem sempre se podem intercalar nas memorias que o autor decidiu escrever e das quais já estão publicadas:

D. MANUEL II—SIDONIO PAIS—MONARQUIA DO NORTE—JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO (em publicação no A B C)—faltando a MARÉ DE SANGUE (o 19 de Outubro)—a PRIMEIRA INCURSÃO e um livro de maior tomo, com documentos ineditos, sobre

## El-Rei D. Carlos

mas o que se inserirá nos *Fantoches*, sempre que seja possivel, serão as esquirolas de outras analyses que não podem ficar perdidas. Quando os acontecimentos da semana o permitirem, elas serão publicadas.

Está aberta a assinatura para a 2.<sup>a</sup> Serie dos

## Fantoches

e, com a proxima finalisação da primeira, enviamos os mais penhorantes agradecimentos aos leitores, que tão dedicadamente nos tem acompanhado, aconselhado e seguido.

